

AS DIFERENTES POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR PENSANDO UM PROJETO DE EXTENSÃO EM PSICOLOGIA

Figueira, G.B

Biazus, C. B

Schopf, M

Resumo: São diversos os aspectos evocados quando fala-se de educação e psicologia. Este trabalho visa elucidar as diferentes possibilidades de intervenção da Psicologia Escolar e Educacional no contexto escolar da cidade de Santiago e região. Para tanto está sendo realizado desde agosto de 2014 o projeto de extensão “Ser e Criar: Grupo de Estratégias Criativas em Educação”, com reuniões semanais para discussões destas intervenções, bem como dos possíveis encontros entre a Psicologia e a Educação. O Ser e Criar está vinculado à URI Campus Santiago e conta com vários acadêmicos do curso de Psicologia. O projeto viabiliza que sejam feitas tanto oficinas semanais em instituições da região de Santiago, quanto intervenções para determinadas situações. Deste o início do projeto foi possível realizar diversas oficinas e intervenções, tais como: oficina de contação de histórias, oficina de teatro, grupo com cuidadoras de uma EMEI, assim como intervenções em escolas com demandas específicas. Acredita-se que este projeto está contribuindo tanto para a formação acadêmica quanto para o espaço escolar da região, devido as diferentes formas de atuação e intervenções possibilitadas, bem como devido a possibilidade dos acadêmicos de um curso de Psicologia vivenciarem o espaço educacional e suas singularidades.

Palavras-chave: Educação. Psicologia. Intervenções. Espaço escolar.

Introdução

O Ser e Criar é um Projeto de Extensão que foi pensado inicialmente devido a carência do campo da Psicologia Escolar na cidade de Santiago e região. Durante os primeiros meses de projeto, que iniciou em agosto de 2014, foram pensadas diversas intervenções e reflexões sobre este campo teórico da psicologia e suas possíveis articulações com a área da educação. Mas como pensar ideias que poderiam ser usadas e que produziriam movimentos nesses espaços de atuações? Pensando nisto estão costuradas intervenções mais próximas dos contextos sociais e regionais, os quais o projeto atende. Para tanto, foram utilizadas diferentes materialidades simbólicas, como por exemplo: teatro, escrita, contações de histórias,

dispositivos esses que possibilitaram mobilizar de outras formas os encontros entre a psicologia e a educação. Porém, faz-se importante antes pensar, neste estudo, o contexto social da Psicologia Escolar e Educacional e os fatores históricos que aproximaram esta vertente da Psicologia com a área da Educação. Buscar e (re)pensar estratégias de intervenção da psicologia no espaço escolar, exige a retomada da história, o porquê e como esses dois campos do saber se encontraram.

A Psicologia foi homologada como profissão no Brasil em 27 de agosto de 1962, Lei nº 4.119, porém a aproximação da Psicologia com a Educação ocorreu no fim do século XIX e início do século XX (MARINHO-ARAÚJO & ALMEIDA, 2014). Ainda segundo Marinho-Araújo & Almeida (2010) nesta época de aproximação destes dois campos teóricos, a Psicologia tinha uma vertente extremamente laboratorial e experimental, tendo uma visão individualista e tecnicista dos problemas e conflitos que ocorriam no interior dos espaços educacionais. Contudo a hoje denominada Psicologia Escolar e Educacional começou suas metamorfoses mais visíveis a partir da década de 1960, mudanças que seguem até os dias atuais.

Nos anos de 1960 houve uma ampliação do sistema educacional no país, assim a Psicologia começou a entrar mais frequentemente no contexto escolar, porém atuando de forma individualista e punitiva (MARINHO-ARAÚJO & ALMEIDA, 2010). Nesta época, existia uma corrente positivista influente na ciência, isto é, a proeminência de usar a razão, a relação com o observável, quantitativo para tentar entender as leis naturais (BOCK, GONÇALVES & FURTADO, 2001). O positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, e, assim, acaba influenciando outros campos do saber a provar a cientificidade de suas teorias e práticas. Nesse ínterim, cabe ressaltar, que o Psicólogo Escolar ou Psicólogo Educacional, surgia como uma identidade ainda indefinida, resolvendo situações-problemas individuais e se utilizando de uma postura tecnicista a fim de atender as exigências da cientificidade e do positivismo. (MALUF, 1992), anulando assim a subjetividade dentro do espaço escolar, bem como sua relação com o ambiente. Ainda nos anos 60 o Psicólogo era visto principalmente com um papel de atender as queixas escolares e ajustar estes alunos problemas nas normas impostas pela escola (MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Com a chegada dos anos 70 ocorreram reflexões acerca da atuação do Psicólogo Escolar e suas bases teóricas, bem como no próprio âmbito da educação. Segundo Marinho-Araujo e Almeida (2014), houve, neste período, incentivo político para abertura de diversas

escolas particulares. Ainda na visão das autoras, ocorreram dicotomias entre os psicólogos, mesmo com um campo de atuação maior houve dificuldades de se colocar no mercado de trabalho (MARINHO-ARAUJO & ALMEIDA, 2014). Lembrando que nesta época a ditadura militar no Brasil estava em pleno vapor, fato que contribuiu para este paradoxo, pois havia grande represália e censura na questão de ensino, o que interferia e atravessava a atuação dos diferentes profissionais nesse contexto.

Nos anos 80 o Brasil estava em momento de busca por melhores condições de vida. Com isto houve um movimento político muito forte dos psicólogos, com participações em sindicatos e uma maior efetividade dos conselhos federal e regionais da classe (MARINHO-ARAUJO & ALMEIDA, 2014). Com isto houveram reflexões acerca da atuação do psicólogo nos mais diferentes contextos, entre eles a escola e a educação. Ocorreram momentos de discussões nos de Psicologia do país, que proporcionaram a área maior integração, coesão e também o desenvolvimento de um pensamento crítico acerca do seu saber e do seu fazer.

A passagem para os anos 90 também trouxe importantes avanços acerca do questionamento do fazer do psicólogo no âmbito da educação. Contudo, ainda existia uma vertente positivista muito forte da *Psicologia Tradicional* que isolava o homem do mundo (MARINHO-ARAUJO & ALMEIDA, 2014). Percebeu-se que neste período começou a existir rupturas entre o modelo tradicional de se fazer e de se pensar a psicologia escolar e o modelo que começava a surgir nesse âmbito e que defendia a não psicologização das intervenções do psicólogo no espaço educacional. Com isto, o psicólogo escolar começou a observar questões mais abrangentes do cotidiano educacional, analisando não apenas os problemas individuais, mas pensando questões relacionais na educação. Nos anos 90 a sociedade brasileira estava, assim como a Psicologia e a Educação, tentando encontrar espaços em uma nascente democracia.

Como fala Mosé (2014), no século XX houveram mudanças tecnológicas jamais vistas e imaginadas, as duas Grandes Guerras Mundiais e as várias guerras locais, foram fatores preponderantes para as metamorfoses que ocorreram no período. Porém paradoxalmente as pessoas apresentavam crescentes superficialidades quando se falava de política e conhecimento da história. Assim como com o posicionamento crítico perante a Psicologia Escolar que adaptava e enquadrava o sujeito em seu contexto escolar. Diante disso, alguns autores como Cerezer & Outeiral (2011) vão questionar se a escola sobrevive a pós-modernidade. Estas reflexões frente à pós-modernidade geram muitas discussões, Cerezer & Outeiral (2011) pensam a escola rompida, mas não quebrada, pensando a troca de verdades

absolutas para verdades confiáveis. Corroborando com isso, Mosé (2014) pensa acerca das relações horizontais, colocadas em redes, devido às tecnologias. Com a quebra de verdades absolutas e as relações em redes, percebeu-se uma nova forma de educação, mais humana, menos rígida. Porém autora afirma que a educação é cercada pelo medo, os Estados capitalistas tem medo de pensar a educação sendo mais abrangente, reflexiva, contestadora, receando o comunismo. E os Estados com políticas comunistas tornam a educação extremamente normatizada e rígida, temendo o capitalismo. Mosé (2014) afirma que a educação desde o final do século XX até os dias atuais está muito voltada para as tecnologias, paradoxalmente sociedade apresenta uma crescente prematuridade sobre questões relacionadas à política. Com isto a Psicologia e a Educação enfrentam pontos difíceis de costurar, pois os processos educativos são atravessados diretamente sobre estes fatos históricos, políticos e tecnológicos.

Após essa breve retomada da história da psicologia na educação, acredita-se que o espaço escolar/educacional é um espaço ainda em construção e formação no que se refere à prática do psicólogo, evidenciando a necessidade de mais pesquisas acerca das possibilidades de trabalho desse profissional neste contexto. Conforme referido anteriormente, a inserção da Psicologia nas escolas foi marcada por objetivos fortemente adaptacionistas, nos quais predominava a necessidade de corrigir e adaptar, a escola e o aluno portador de um problema de aprendizagem. Contudo, ao longo dos anos a Psicologia Escolar tem buscado solidificar uma atuação de caráter preventivo e relacional que se sustenta muito mais em parâmetros de sucesso do que de fracasso. Dessa forma, a Psicologia Escolar tem, entre os seus desafios, ampliar seu foco de atuação, pesquisa e produção de conhecimento para além da escola, pois diferentes contextos como creches, ONG's, instituições de ensino superior, por exemplo, e outros níveis do sistema educacional podem enriquecer-se do trabalho desenvolvido por profissionais e pesquisadores (BIAZUS, 2014).

Frente a essa realidade, Oliveira (2005) aponta que os professores deveriam inserir-se em redes, com uma maior interatividade com as comunidades envolvidas com a escola. Corroborando com essas ideias, Matos (2005) discorre que não só a escola deveria ser responsabilizada pela educação, e afirma que a participação da família e outras instituições são de suma importância para o processo educativo. Estas rupturas, inserindo a escola e junto com ela, os alunos, o ambiente e cotidiano escolar, a comunidade e a família no entorno desse processo, constituem uma importante mudança no cenário da Educação e do espaço escolar. Neste sentido o Projeto de Extensão “Ser e Criar” busca diferentes formas de intervenções,

pois se acredita que não se pode isolar seja a escola, seja os alunos ou professores, do contexto social onde estão inseridos. A psicologia escolar tem que levar em conta no seu fazer o ambiente sócio-histórico-cultural e as singularidades que se encontram em jogo nos processos educativos.

1 Desenvolvimento

O Projeto de Extensão “Ser e Criar” foi pensado inicialmente devido a carência de intervenções no contexto escolar e educacional em Santiago e região. E também como uma forma de mobilizar as redes de ensino, inserindo a Psicologia Escolar nestes contextos, visando lugares de vulnerabilidade e dificilmente acessados pelos acadêmicos de Psicologia da URI Campus Santiago. Outro fator importante que através do projeto vem se pensando, foi perceber a atuação do Psicólogo Escolar a partir de uma visão psicanalítica winnicotiana. Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês que entre muitas reflexões pensou a importância do ambiente e de suas relações na constituição da subjetividade (WINNICOTT, 1975). Na esteira deste pensamento, Outeiral & Cerezer (2005) não pensam que a psicanálise responde o que deve ser feito, mas reflete sobre o que se deve fazer nas práticas escolares. Pode-se pensar assim que o Psicólogo Escolar surgiria como um profissional potencializador dentro da escola e não como alguém que tenha as soluções para todas as demandas. Zimerman (2005), autor psicanalítico contemporâneo, também vai fazer uma ligação da psicanálise e educação. Pensando que a evolução no espaço escolar se teve pela possibilidade destas duas áreas confluírem e pensarem que “questões problemas” podem ter um caráter mais relacional do que isolado (ZIMERMAN, 2005). Nesse sentido, torna-se possível (re)pensar a prática do psicológico escolar, bem como construir estratégias de intervenção que possam contribuir com as dificuldades e necessidades da educação na contemporaneidade, sempre pensando em um viés relacional para as questões postas no ambiente escolar e educacional.

A ideia de se propor “*estratégias criativas em educação*”, teve como objetivo colocar o projeto não só em um lugar de pensar possibilidades de atuação para o psicólogo escolar, mas também de questionar as relações e implicações entre a psicologia e a educação. Neste sentido, acredita-se que o psicólogo escolar pode ser visto como um agente potenciaizador e reflexivo do contexto social onde está inserido (MARTINS, 2003), neste caso, fala-se da escola e de suas ramificações. Aplicado a isto, Andrada (2005) afirma que o

psicólogo escolar precisa de um espaço para escutar as demandas da escola e pensar maneiras de lidar com situações que são cotidianas, criando formas de reflexão dentro e fora da escola. Assim, para intervir no cotidiano escolar, o psicólogo deve promover situações onde as práticas sociais possam ser ressignificadas, favorecendo a participação de todos que vivenciam o cotidiano escolar, inclusive ele.

Vários são os trabalhos e técnicas que vem sendo desenvolvidos no que tange ao trabalho do psicólogo no espaço da educação, contudo esses ainda estão focados em questões pré-definidas e que giram em torno da sexualidade, escolha profissional, dificuldades de aprendizagens, entre outros temas que não surgem necessariamente de um conhecimento mais aprofundando acerca da instituição e de um levantamento mais preciso das demandas. Segundo Bourcier (2001), atenta aos programas de educação nos últimos anos, as intervenções propostas estimulam a reflexão e o pensamento, mas não focam a promoção da criatividade de docentes e discentes, deixando de lado a possibilidade de vivenciarem novas atividades e experiências. Vindo ao encontro disso é que está sendo desenvolvido um projeto para trabalhar em escolas e instituições de ensino a partir de um enquadre clínico diferenciado, baseado nos estudos que vem sendo desenvolvidos na "Ser e Fazer: oficinas psicoterapêuticas de criação", no departamento de psicologia da USP (Universidade de São Paulo). Essas oficinas ocorrem em muitos espaços diferentes, tais como a escola, e propõem a partir do uso de materialidades artísticas como a escrita, pintura, teatro e fotos trabalhar diferentes questões e problemáticas a partir da demanda das instituições envolvidas. Assim, está sendo montadas equipes de trabalho que buscam conhecer as demandas das instituições educacionais da nossa região, bem como a partir dessas elaborar estratégias de intervenção.

2 Resultados

Durante os meses de execução do projeto Ser e Criar foram realizadas diversas atividades em diferentes espaços educacionais na cidade de Santiago e região. Serão expostas aqui, brevemente, algumas dessas atividades, que dizem respeito ao que entende-se aqui como “estratégias criativas em educação”:

2.1 Oficina de Contação de Histórias

A Oficina de Contação de Histórias é realizada em uma Escola Municipal em Jaguari no interior Rio Grande do Sul com crianças de cinco anos, divididas em dois grupos, as histórias são contadas na brinquedoteca da escola, sendo lá um ponto de encontro das crianças com os brinquedos físicos e com as materialidades simbólicas que as histórias movimentam. Cada encontro tem a duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. São dois contadores que se dividem em contar e encenar a história, levando as crianças para contar e (re)contar como elas quiserem. Para esta oficina de contação de histórias é feito o que Moraes (2012) denomina de *adaptações livres*, que é a possibilidade de brincar com as palavras e poder contar a mesma história de diferentes maneiras, contando muito com o imprevisto e as improvisações. Os encontros se dividem em três momentos: o primeiro é a contação da história previamente escolhida, sempre com a participação ativa das crianças; O segundo momento é usado para pensar em possíveis desfechos da história, diferente do que foi contado; O terceiro momento é quando as crianças brincam e (re)criam as suas histórias, representando os personagens que desejam e revivendo histórias já contadas em encontros anteriores. Foi pensado em trabalhar apenas contos clássicos, que se justificam por estimularem os sonhos e as associações livre das crianças, sendo um importante meio de comunicação para elas nesta idade (GUTFRIEND, 2010). A partir desta vivência de contar histórias, foi pensando na elaboração de um livro infantil que relatava o contexto que uma integrante da oficina vivenciava. De abandono e de como seria a vida em um abrigo na visão que ela trazia nas histórias contadas. Este livro está em vias de ser publicado e retrata bem na vivência dos contadores de histórias.

2.2 Projeto Jogos e Cenas: Teatro Espontâneo com Adolescentes

O projeto foi estruturado segundo o estilo clínico "ser e fazer", modalidade de prática clínica que vem sendo desenvolvido já há alguns anos na universidade de São Paulo, este estilo clínico é sustentado e inspirado no pensamento Winnicottiano acerca do brincar, nos encontros realizados, toda a intervenção se fundamentara no holding como cuidado a continuidade do ser, tendo como objetivo oferecer aos jovens um ambiente de confiança, para que possam se sentir à vontade para arriscar o seu movimento pessoal, aproximando-se de si. O trabalho foi realizado em uma escola da cidade de Santiago, Rio Grande do Sul, com jovens

que estiveram no último ano do ensino médio, assim foram feitos grupos de no máximo 15 jovens tendo como objetivo, primeiramente, conversar acerca dos mais diferenciados assuntos que rodeiam a adolescência, entre eles a escolha profissional. O grupo foi realizado com a participação de duas estagiárias da psicologia, nos papéis de terapeuta e co-terapeuta. Acredita-se que com essa proposta de fornecer um espaço lúdico e um clima descontraído dentro do ambiente escolar para se pensar a escolha de uma profissão, bem como as problemáticas da adolescência, os jovens puderam abordar temas variados, situações diversas, que necessariamente irão dizer respeito às possibilidades de futuro para cada um e ao que eventualmente imaginam para si.

2.3 Intervenção para falar sobre luto

A pedido de uma escola estadual de ensino médio no interior do Rio Grande do Sul, o Ser e Criar foi até a escola para falar sobre um sofrimento coletivo, que comoveu não só a escola, mas toda a cidade, o filho de um funcionário da escola que sofreu um acidente e acabou falecendo, com isso o profissional se afastou de suas funções por tempo indeterminado. A escola então entrou em contato com o Projeto e solicitou a realização de um grupo, pois precisava falar sobre este luto, que estava chegando até às salas de aula, mobilizando alunos, professores e os demais profissionais do espaço. Buscamos fazer um grupo na escola com o objetivo de conversar de forma livre e espontânea sobre o acontecimento, buscando acolher o sofrimento dentro desse espaço escolar, bem como proporcionar um lugar outro para a elaboração/simbolização desse conflito.

2.4 Oficina com cuidadoras de uma EMEI

Esta Oficina é realizada em um EMEI em Santiago. É realizada mensalmente, pois os turnos das cuidadoras são diferentes, foi pensado em trabalhar com cuidadoras, pois muitas vezes elas não recebem a devida atenção e nem possuem um lugar onde possam falar de suas angústias. Durante o processo foi constatado que muitas não queriam falar com medo de se indispor com as colegas. A proposta inicial era que se falasse das angústias, tensões e os sentimentos que este trabalho despertava, por exemplo, no primeiro encontro foi utilizada a caixa com o espelho, funciona passando pela roda de pessoas e cada uma abre e olha, fecha e passa para pessoa ao lado, no final cada cuidadora fala sobre a sensação de abrir e ver seu

rosto na caixa funciona mais como um dispositivo para outras questões, mas o distanciamento de uma sessão para outra foi prejudicial para o desenvolvimento da intervenção.

O projeto Ser e Criar reuniu diferentes formas de atuação nos espaços escolar onde está atuando. Devido às atuações em várias etapas do processo educativo, surgiu uma dúvida: Mas estamos pensando no espaço educacional que vivemos? Isto é, que afetações e atravessamentos esse Projeto é capaz de também criar e provocar no âmbito do ensino superior?

A partir disto em supervisões semanais, várias ideias surgiram de dispositivos e ações que poderíamos estar mobilizando no nosso próprio contexto educacional. Assim, pensou-se a ideia de construção de um livro de entrevistas com autores que embasam as práticas neste projeto, pensando especialmente as relações no ensino superior. Os próprios alunos como entrevistadores, mobilizando reflexões a partir de questionamentos feitos a autores que estudam. Dessa forma, estão sendo pensadas as relações que se estabelecem em uma formação no ensino superior, as angústias, as possibilidades de criar dentro deste espaço ainda pouco explorado pela Psicologia Escolar e Educacional. No início, surgiram muitas dúvidas se esta ideia daria resultados positivos. Porém, os autores foram respondendo de forma afirmativa aos convites feitos e hoje o livro está sendo “gestado”, aos poucos, e aberto para novas entrevistas. Como a imaginação é algo que aparece semanalmente nas supervisões, também foi pensando um livro que denominamos de “Dicionário Compartilhado”, com palavras que representam a Psicologia, a Educação, na maneira mais ampla, criativa e espontânea. Esse dicionário está sendo construído pelos próprios aluno, turma de VI semestre do curso de Psicologia, com palavras próprias, as quais eles mesmos são os autores, criando e mobilizando diferentes sentidos. Essas ideias foram pensando como formas de mostrar o trabalho e a dedicação de todos do Ser e Criar, bem como deixar registrado as vivências e sentimentos das práticas de estágios de cada um.

Conclusão

Pensando as práticas realizadas a partir do Projeto de Extensão Ser e Criar, estão sendo (re) pensadas as atuações da Psicologia Escolar no espaço escolar e educacional. Mesmo com a pesada história, a Psicologia Escolar está em movimentos pensando maneiras de refletir as diferentes possibilidades e intervenções diferenciadas, saindo de um contexto onde isolava as relações sociais e afetivas, de atuações mecanicistas e simplistas. Chegando

em processos que visam um caráter mais preventivo e relacional, mais próximas dos contextos sociais de quem dispõe destas práticas. Referenciando as diferentes possibilidades de fazer, criar e atuar dentro dos espaços escolares, o “Ser e Criar” está buscando algumas “quebras” de paradigmas não só na maneira de atuação das práticas escolares, mas também onde estas podem acontecer. O atual psicólogo escolar surge no meio de todas estas rupturas que são permeadas pela história como um agente potencializador de diferentes significados nos ambientes escolares onde atua. Pensar como um projeto de extensão em Psicologia Escolar pode transcorrer no espaço educacional com diferentes formas de entender os processos educativos e sociais existente neste espaço, é pensar que o movimento não só da Psicologia, mas também da Educação que favorece, na maioria das vezes, a possibilidade destas transformações. Tanto a Psicologia, quanto a Educação, seguem suas mudanças e reflexões acerca de suas atuações, estes movimentos poderão ser explorados por cada área do conhecimento. O Ser e Criar busca a partir destas movimentações (re)pensar o lugar do Psicólogo Escolar e suas maneiras de atuação e assim (re) descobrir diferentes formas de intervenções.

Referencias

ANDRADE, A. S. Sociodrama Educacional – uma estratégia de pesquisa-ação em Psicologia Escolar Institucional In: FLEURY, H. J.; MARRA, M. M. (ORGS) **Intervenções grupais na educação**. São Paulo: Agora, cap. 2, p. 49-66, 2005.

BIAZUS, C. B. **Projeto de Extensão Ser e Criar**: Grupo de Estratégias Criativas em Educação. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Santiago, 2014.

BOCK, A. M. B. B; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, O (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica**: Uma Perspectiva Crítica em Psicologia. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BOURCIER, P. **História da dança no Ocidente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CEREZER, C; OUTEIRAL, J. **Autoridade e Mal-estar do Educador**. São Paulo: Zagodoni, 2011.

GUTFRIEND, C. **O terapeuta e o lobo**: a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MALUF, M. R. Psicologia e educação: paradoxos e horizontes de uma difícil relação. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR, 1991, Valinhos (SP). **Anais...** São Paulo: Aprapee, PUC-Camp, 1992.

MARINHO-ARAÚJO, C. M; ALMEIDA, S. F. C. (orgs.). **Psicologia Escolar**: construção e consolidação da identidade profissional. 4. ed. Campinas: Alínea, 2014.

MARINHO-ARAÚJO, C. M; ALMEIDA, S. F. C.. **Psicologia Escolar**: Construção e consolidação da identidade profissional. 3. ed. Campinas: Alínea, 2010.

MARINHO-ARAÚJO, C.M. Qual é a questão?. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 17-35, mar. 2010.

MARTINS, J. B. **A atuação do psicólogo escolar**: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. Vol. 8, no. 2, p. 39-45, jul./dez. 2003.

MATOS, G.A. **A Palavra do Contador de Histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MORAES, F. **Contar Histórias**: A Arte de Brincar com as Palavras. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MOSE, V. **A Escola e os Desafios Contemporâneos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

OLIVEIRA, K. L. et al. Produção científica de 10 anos da revista *Psicologia Escolar e Educacional* (1996/2005). **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 283-292, dez. 2006.

OLIVEIRA, V. F. (org.). **Narrativas e Saberes Docentes**. Ijuí: Unijuí, 2006.

OUTEIRAL, J. & CEREZER. C. **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIMMERMAN, D.E. **Psicanálise em perguntas e respostas, verdades, mitos e tabus**. Porto Alegre: Artmed, 2005.